

Banqueiros advertem para negociação dura com Brasil

Silvio Ferraz

Washington — “Será uma verdadeira queda de braços a renegociação da dívida externa brasileira”, confidenciou ontem ao JORNAL DO BRASIL um influente banqueiro americano. As conversações entre o presidente do Banco Central, Fernão Bracher, e o coordenador do comitê dos credores, e vice-presidente do Citibank, William Rhodes, começaram ontem num ambiente tenso.

“Ninguém vai levantar da mesa, mas os brasileiros levarão um grande aperto”, comentou outro banqueiro americano, que estará presente aos encontros. A posição dos banqueiros é de muita irritação pelos prejuízos causados com a quebra dos bancos Comind e Auxiliar e pela falta de apoio do governo brasileiro (que se recusa a pagar, sem melhor análise, as operações 63 feitas pelos dois bancos). O presidente do Banco Central tem deixado claro, nas conversas, que a posição brasileira de não indenizar os banqueiros estrangeiros é inegociável (por serem créditos privados e com alta taxa de risco), segundo instruções que recebeu do ministro da Fazenda, Dilsen Funaro.

Mercado nervoso

Nas últimas semanas, o mercado financeiro tem se mostrado nervoso com relação à situação brasileira. O projeto quatro — linhas de crédito do mercado interbancário — já acusou retiradas de 170 milhões de dólares nas últimas três semanas. São banqueiros de estabelecimentos médios e pequenos que não querem mais saber de financiar bancos brasileiros. Os bancos regionais mostram-se igualmente enfurecidos pelo fato de o Fundo Monetário Internacional não estar mais acompanhando a **performance** da economia brasileira. Impossibilitados de fazer esta vigilância por conta própria, os bancos regionais preferiam conferir nos diagnósticos do FMI. Agora, sem

eles, esses banqueiros deverão reduzir, senão eliminar totalmente, suas participações no pacote global que financia o governo brasileiro. No último mês, acelerou-se também a venda, pelos bancos, de crédito do governo brasileiro, com deságio de 30%.

Os grandes bancos americanos e europeus seguramente continuarão a sustentar a posição brasileira, já que para eles não existem alternativas. Seus esforços, no entanto, ficarão concentrados em evitar a debandada dos pequenos e médios bancos americanos. “Afinal, a explosão do Brasil não interessa a ninguém”, comentou um experimentado protagonista das renegociações dos últimos quatro anos.

Os banqueiros estrangeiros mostram-se igualmente irritados com a excessiva retórica que cerca o Plano Baker — montado pelo governo americano para socorrer os países endividados. Até agora, só se ouviu o Banco Mundial e o FMI afirmarem que estão prontos para agir em favor dos endividados, mas o Tesouro americano continua ao largo, mergulhado em problemas internos — como a luta contra o déficit público americano — e de lá não tem saído qualquer aceno positivo de que o socorro virá curto prazo.

No contexto dos endividados, os banqueiros estão igualmente preocupados com a rápida deterioração da situação financeira do México, com a potencial explosão inflacionária no Brasil e com o próximo fim da trégua social na Argentina. “Brevemente, os sindicatos argentinos estarão exigindo aumentos e muito possivelmente o governo virá ao mercado tomar novos empréstimos; só não sabemos se haverá corajosos para emprestar”, comentou um banqueiro.

Para ele, a decisão brasileira de não pagar os prejuízos causados pelo Comind e pelo Auxiliar à rede bancária americana, através das operações 63 contratadas, poderá ter sido um tiro pela culatra. “Durante as conversas com os banqueiros do comitê credor, o Bracher se dará conta da precipitação”, afirmou.